

**A “Hipótese Crioulista” de
Mattoso para o Português do Brasil**

The “Creolist Hypothesis” by Mattoso about the Brazilian Portuguese

Tania ALKMIM*

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS (UNICAMP)

RESUMO

Neste trabalho, discute-se A “hipótese crioulista” de Mattoso Câmara. Tenta-se mostrar que tal hipótese representa uma contribuição inovadora para o debate da questão do português brasileiro e que, mesmo tendo permanecido à margem, tem seu valor inegável.

PALAVRAS-CHAVE

Mattoso Câmara. Hipótese crioulista. Português brasileiro.

* Sobre a autora ver página 114.

ABSTRACT

This work discusses the “creolist hypothesis” by Matoso. It tries to show that this hypothesis represents an innovative contribution to the discussion on Brazilian Portuguese and, despite its stay aside, has a undeniable value.

KEY-WORDS

Mattoso Câmara. Creolist hypothesis. Brazilian Portuguese.

Em um texto intitulado **Línguas Européias de Ultramar: o Português do Brasil**, de 1963, mas publicado no Brasil em 1965,¹ Mattoso formula uma hipótese relativa à questão das distinções do português brasileiro frente ao português de Portugal. Nesse sentido, inicialmente, ele critica as duas posturas, tradicionalmente, postas no contexto dos debates sobre a natureza do português brasileiro: a primeira delas fundamentada na teoria evolucionista e a outra apoiada na teoria do substrato lingüístico.

Com relação à teoria evolucionista, Câmara Jr. (1963, p. 74) aponta que esta não pode ser invocada em sua formulação ortodoxa, como pensada no começo do século XIX, isto é, tendo como base “o princípio de uma evolução e incoercível”, como o que teria produzido a evolução das línguas românicas a partir do latim. Para ele, é preciso considerar que a evolução lingüística está relacionada às condições sociais e culturais. E, nesse sentido, o autor argumenta que no caso das línguas européias trazidas para a América – o espanhol e o português – é compreensível que, ao lado de diferenciações, “uma evolução em comum para as grandes linhas gerais” (CÂMARA JR., 1963, p. 75) entre as matrizes originais e as línguas transplantadas.

Quanto à teoria substratista, Mattoso assinala, de um lado, a inadequação conceitual de sua utilização (pelo menos em sua concepção estrita, como proposta por Ascoli) e, de outro, que o apelo aos substratos indígena e africano foi falsamente formulado. Assim, observa, inicialmente, que não é possível falar em um substrato indígena, dado que as línguas

¹ Originalmente, “Línguas européias de ultramar: o português do Brasil” veio a público sob a forma de uma palestra, em 17/05/1963, no Seminário Românico da Universidade de Bonn (Alemanha), publicada posteriormente, em alemão, em *Archiv für das Studium der neueren Sprachen und Literaturen*. 200(5), ano 115, p. 321-337, dez. 1963. No Brasil, foi publicado, pela primeira vez, na **Revista do Livro**. Rio, INL, n. 8, p. 27-28; 107-118, 1965.

indígenas brasileiras são distintas tanto genética quanto tipologicamente. Além disso, destaca que os defensores do substrato indígena buscaram apoio não nas línguas indígenas reais, mas na Língua Geral, isto é, no tupi missionário “fabricado” pelos jesuítas. Segundo ele, os jesuítas, baseando-se no tupi (língua falada pelas populações indígenas da costa brasileira, composta por dialetos muito semelhantes), constituíram uma língua de comunicação – a Língua Geral – para ser usada como língua de catequese. A Língua Geral, o tupi missionário, caracterizava-se como um tupi despojado de “seus traços fonológicos e gramaticais mais típicos para se adaptar à consciência lingüística dos brancos e o português nela atuou assim, impressivamente, como ‘superestrato’” (CÂMARA JR., 1963, p. 76). Defende, ainda, que a influência indígena no português brasileiro se restringiu a empréstimos lexicais.

Em relação à questão da influência africana, Mattoso estabelece um quadro radicalmente distinto daquele posto para as línguas indígenas. E é no contexto da discussão sobre a possibilidade de um substrato africano que ele esboça sua hipótese a respeito do português brasileiro – a que nos permitimos referir como a “hipótese crioulista”. Aqui, também, não é possível falar em substrato africano comum em ação. Mas o autor assume que “os escravos negros adaptaram-se ao português sob a forma de um falar crioulo” (CÂMARA JR., 1963, p. 77). E que este falar crioulo imprimiu marcas no português brasileiro. Em outras palavras, é impróprio invocar a ação de um substrato africano em sentido estrito, mas podemos admiti-lo no contexto de uma nova formulação: a ação de um substrato crioulo sobre o português do Brasil.

Como se pode ver, Mattoso estabeleceu o postulado de que o português crioulo dos africanos escravos agiu sobre o português dos brancos. Segundo ele, tal ação foi tornada possível pela situação de contato social posta pela sociedade colonial brasileira: um contato “intenso e estreito” (CÂMARA JR., 1963, p. 77) entre brancos e negros africanos. Embora o autor não explicitie, parece possível inferir que, em sua opinião, o contato entre índios e brancos foi bem distinto daquele observado entre africanos e brancos - este último, segundo ele, solidificado no cotidiano dos latifúndios e fazendas. E, dentro desse cotidiano, o autor destaca a relação especial de contato estabelecida entre as amas escravas – as chamadas “mães-pretas” – e as crianças brancas,

as quais “devem ter tomado de início, sem sentir, elementos do português crioulo que elas [escravas] usavam” (CÂMARA JR., 1963, p. 77).

Como resumo do que nos parece ser a dimensão sociolingüística da hipótese de Mattoso, apresentada em **Línguas Européias de Ultramar: o Português do Brasil**, podemos apontar que:

- Os africanos, falantes de diversas línguas, postos em situação de contato, constituíram um falar crioulo de base portuguesa.

- A situação de contato social estreito entre brancos, falantes de português, e escravos africanos, falantes do crioulo, teve reflexos no plano lingüístico. No que tange aos brancos, o grupo socialmente superior, o português, falado por eles, incorporou elementos do falar crioulo, falado pelo grupo inferior. Como o crioulo representou uma resposta inicial – uma “adaptação” –, os africanos escravos, depois de abandonarem suas línguas originais, adotaram o português brasileiro.

- No contexto amplo do contato social entre os dois grupos sociais, as “mães-pretas” representaram o papel de agentes privilegiadas de difusão de elementos do falar crioulo no português brasileiro.

Quanto à dimensão lingüística de sua hipótese, Mattoso não aponta nem discute uma lista de exemplos de fatos ou fenômenos do português do Brasil atribuíveis ao contato com o falar crioulo. Em lugar disso, propõe uma perspectiva de análise que consiste em considerar que “certas inovações e simplificações do português do Brasil em face do europeu” (CÂMARA JR., 1963, p. 77) podem ser explicadas a partir do contato entre o português e o falar crioulo. Não por acaso, vale-se da expressão “certas inovações e simplificações”. Argumenta que só um conjunto de mudanças do português do Brasil pode ser assim compreendido porque “não se dariam mudanças fonológicas e gramaticais profundas sem correspondência com as próprias tendências estruturais da língua portuguesa” (CÂMARA JR., 1963, p. 77). Isto é, não haveria espaço para mudanças “descontroladas”, ditadas pelo contato. Ao contrário, o português só seria receptivo às mudanças em consonância com suas potencialidades estruturais. E, no contexto dessa consideração, refere-se à questão da invariabilidade do pronome *ele* (como sujeito e como acusativo), vista por ele como “uma inovação que estava prefigurada no sistema gramatical português e que, no Brasil, em novas condições lingüísticas – estruturais e sociais –, encontrou um ambiente favorável para se

desenvolver.”² (CÂMARA JR., 1963, p. 77). Ou seja, a invariabilidade do pronome *ele* não é uma inovação/simplificação independente do português do Brasil ou provocada por uma influência direta de línguas africanas, mas uma mudança lingüística “autorizada” por mudanças ocorridas no contexto social de usuários da língua portuguesa. Mais precisamente, assim, resume sua posição:

A influência do português crioulo, de que em princípio não se pode abrir mão, só pode ser encarado como um “efeito de gatilho” para usar a expressão de Uriel Weinreich na sua doutrina sobre contato lingüístico³ (CÂMARA JR., 1963, p. 77).

A posição de Mattoso, em **Línguas Européias de Ultramar: o Português do Brasil**, no tocante ao português do Brasil,⁴ caracteriza-se pelo papel decisivo atribuído aos africanos. A “questão da influência das línguas africanas” é revisitada a partir de um ângulo novo: o contato entre a língua portuguesa e o um crioulo português. Tal posição, a que nos referimos como “hipótese crioulista”, bastante complexa em nossa avaliação, é apresentada, no texto em destaque de 1963, de modo bem sumário: sem maiores argumentações, sem explicitação de conceitos teóricos de apoio. E, também, sem qualquer preocupação com considerações de ordem histórica. Com base em que evidências ou indícios, o autor questiona se houve um falar crioulo no Brasil.

Talvez não seja o caso de ver aí descuido ou desprezo por questões históricas. Pareceu-nos mais produtivo recorrer aos outros trabalhos de Mattoso para procurar compreender melhor o ponto de partida das reflexões desenvolvidas em **Línguas Européias de Ultramar: o Português do Brasil**. Nesse sentido, decidimo-nos fixar na obra referencial **Princípios de Lingüística Geral**, cuja primeira edição data de 1941 e que veio a ter quatro edições antes da morte do autor, em 1970. Tomamos como base, aqui, a quarta edição revista e aumentada (segunda impressão), de 1967.

² Mattoso refere-se, aqui, ao seu artigo “Ele como um acusativo no português do Brasil”, publicado originalmente em francês: “Ele comme un accusatif dans le portugais du Brésil”. In: **Miscelânea Homenaje a André Martinet**. Estruturalismo y Historia. Univ. de la Laguna, n. 1, p. 39-46, 1957. Cf. bibliografia.

³ Mattoso faz referência a: WEINREICH, Uriel (1953). *Language in contact*. Mouton, The Hague, 1974.

⁴ É oportuno assinalar que, no texto **Línguas Européias de Ultramar: o Português do Brasil**, Mattoso utiliza sempre a expressão português do Brasil, jamais recorrendo a português brasileiro.

Duas questões teóricas expostas em **Princípios** nos permitiram ter uma visão mais clara sobre a posição do autor a respeito do português brasileiro, como exposta no texto de 1963: o fenômeno das línguas crioulas e a mudança lingüística. Nos capítulos XIV – “A evolução fonética: suas causas” – e XVIII – “Empréstimos e sua amplitude” –, Mattoso (1967) expõe sua visão sobre as línguas crioulas, às quais se refere, sistematicamente, como falares crioulos,⁵ que pode ser assim resumida:

- Os falares crioulos são resultado de simplificação de uma língua pela ação de uma população estrangeira, e, nesse sentido, são como espécies de “versões” da língua que lhes serviu de base.

- O processo de simplificação é deflagrado porque os estrangeiros “não levam em conta sutilezas estruturais” (CÂMARA JR., 1967, p. 257), e, assim, levam “a extremas conseqüências as possibilidades de evolução da língua-base” (CÂMARA JR., 1967, p. 220).

- A criouliização, resultante do processo de simplificação, se caracteriza pela aceleração de tendências evolutivas inscritas na deriva da língua-base.

Em **Princípios de Lingüística Geral**, Mattoso defende que as mudanças lingüísticas operadas na língua-base são possibilitadas pelas condições sociais novas a que esta é submetida: a aquisição por parte de estrangeiros deslocados de suas regiões de origem. Como exemplo ilustrativo do que chama de resultado de “uma velocidade inesperada na deriva da língua ocidental, posta em um ambiente *sui generis*” (CÂMARA JR., 1967, p. 221), em uma nota, argumenta:

Não nos deve surpreender assim que o português crioulo tenha feito a passagem do /ly/ molhado para /y/ (semiconsoante anterior ou iod), coincidindo com o que se realizou em francês numa evolução de

⁵ A propósito da expressão falar crioulo, vale conferir os seguintes verbetes do *Dicionário de filologia e gramática*, de Mattoso: “Falares: Línguas de pequenas regiões, através de um território lingüístico dado, que se distinguem umas das outras por oposições superficiais dentro do sistema geral de oposições fundamentais que reúne todas numa língua comum.” [...]; “Falares crioulos: Os falares que resultam da deturpação de uma língua ocidental (português, espanhol, francês, inglês, por exemplo) na boca de populações inicialmente aloglotas mantidas em situação social inferior. Às vezes se trata de verdadeira língua, como conjunto de falares, mas a que por motivos extralingüísticos (situação social e cultural inferior da massa falante) se aplica a denominação de dialeto crioulo. Há um português crioulo em certas zonas da África (ex.: ilhas de Cabo Verde) e da Ásia (ex.: Goa, Damão). No Brasil, tem havido português crioulo em certas zonas de população predominantemente negra, unificada em torno de uma atividade de trabalho como zonas de garimpo (cf. Machado, 1944) ou em agrupamentos de índios aculturados.” [...]. Obs.: A referência bibliográfica citada, aqui, por Mattoso é: MACHADO, Filho, Aires da Mata (1944). **O Negro e o Garimpo em Minas Gerais**. Rio, Civilização Brasileira, 1964.

séculos: port. *palha* - port. cr. /*paya*/; fr. *paille*, inicialmente com // efetivo (/ly/ olhado), hoje foneticamente /paye/.⁶

Vale destacar que Mattoso rejeita explicitamente a concepção de que crioulos são resultado de mistura lingüística, isto é, de que sejam línguas mistas, como aquela proposta por Schuchardt. Como assinalamos, para ele, os crioulos são modificações da língua-base - posição que o aproxima de autores clássicos como Meillet (1921) e Jespersen(1928)⁷ e também de Hall (1953), um pioneiro dos estudos crioulos modernos.⁸

No capítulo XV “Os aspectos da evolução fonética”, Mattoso defende que há uma relação entre mudança lingüística e estrutura social. Mais especificamente, distanciando-se da posição neogramática, assume, com Meillet (1921), que mudança lingüística e mudança social estão fortemente associadas. E, no contexto dessa relação entre o lingüístico e o social, destaca dois tipos de fenômenos sociais que podem ser motores da mudança lingüística: as migrações em massa e as revoluções sociais, de um lado, e, de outro, a aquisição infantil da língua.

Para o autor, as migrações em massa, como as revoluções sociais, enfraquecem as tradições sociais, promovendo a mistura de classes sociais, assim como perturba o contexto social da transmissão da língua. Considerando-se o plano estritamente lingüístico, observa que as populações estrangeiras podem imprimir seus hábitos articulatórios à língua do novo país. Mas salienta que a conseqüência mais importante da forte presença de estrangeiros é que estes tendem a *desprezar minúcias sutis e traços lingüísticos sem resistência intrínseca*. Em outros termos, deixam-se levar pela deriva lingüística, de que nos fala Sapir. Mais precisamente, afirma que, em função da ação dos aloglotos, “executam-se rapidamente mudanças, cuja necessidade está pressuposta na própria língua sob o aspecto

⁶ Mattoso não deixa claro a que português crioulo está se referindo: do Brasil, da África ou da Ásia.

⁷ Em apoio a sua posição, Mattoso busca Meillet (1921) que afirma : “[...] certos lingüistas serão tentados a falar em línguas mistas, mas o material da língua pertence a um idioma definido; o crioulo da Reunião ou da Martinica é francês imperfeito, mas é francês, porque foi apenas pela imitação do francês dos seus senhores que os negros o constituíram.”, e, assim, refere-se a Jespersen (1928): “A essência desses falares está, por exemplo, para Jespersen numa simplificação violenta de uma língua ocidental, que se acha fora de suas condições normais de transmissão e existência” (CÂMARA JR., 1967, p. 256)..

⁸ Mattoso assume, com Hall (1953), a posição de que “um falar crioulo é em essência uma ramificação (ing. offshoot) da língua ocidental em que se baseia, e deve ser classificado entre as línguas germânicas, se se deriva do inglês, e entre as línguas românicas, se se deriva do francês, do espanhol ou do português” (CÂMARA JR., 1967, p. 221).

de possibilidades. Dependem para se efetivarem do fator variável da estrutura social” (CÂMARA JR., 1967, p. 220).

No que tange à aquisição infantil, o autor Mattoso sublinha a importância do modelo adulto e chama a atenção para o fato de que “Os pais integrados na tradição da língua determinam condições outras que as pessoas de classe inferior com outro IDEAL LINGÜÍSTICO” (CÂMARA JR., 1967, p. 219). E, em seguida, retoricamente, interroga: “E que dizer de pessoas sem esse ideal, propriamente dito, porque escravas e estrangeiras como as ‘mães pretas’ da sociedade colonial brasileira?” (CÂMARA JR., 1967, p. 220).

Retomando, agora, o texto **Línguas Europeias de Ultramar: o Português do Brasil**, podemos perceber as seguintes proposições de base:

- Ao ser transplantada para o Brasil, a língua portuguesa, submetida a condições sociais novas, mudou necessariamente.

- No novo contexto da sociedade colonial brasileira, a presença de um grande número de africanos escravos é o elemento chave para a compreensão de mudanças lingüísticas do português no Brasil.

- Estrangeiros e inferiorizados pela condição escrava, os africanos, inicialmente, criouzaram a língua portuguesa: simplificaram-na, acelerando algumas de suas tendências estruturais.

- Em função da integração dos escravos na vida brasileira, estabeleceu-se um contato compulsório entre o português dos brancos e o crioulo dos africanos, que implicou mudanças no português.

- O crioulo português se constituiu como língua de comunicação dos africanos como resposta à fase histórica de deslocamento de escravos em grande escala, tendo desaparecido. Os escravos crioulos devem ter aprendido a variedade de português constituída após a situação de contato entre o crioulo dos africanos e o português trazido pelos europeus.

- As crianças brancas, em fase de aquisição lingüística, ao serem confiadas às amas escravas africanas, foram expostas à variedade lingüística do grupo social inferior, isto é, ao crioulo. Tal situação de contato social particular foi decisiva para a introdução e fixação de elementos do crioulo no português brasileiro.

- Certas distinções do português brasileiro – simplificações e inovações - são resultado da atualização de processos inscritos na própria natureza da língua portuguesa, favorecidos por um fator de ordem social:

o contato com o crioulo português dos escravos. Tais mudanças do português brasileiro nada mais são que a manifestação da deriva lingüística portuguesa.

- Finalmente, o português brasileiro é resultado do contado entre o português e uma versão “radicalizada” do próprio português, sem influência das línguas africanas, mas marcado pela ação dos falantes de línguas africanas.

A “hipótese crioulista” de Mattoso, apresentada em **Línguas Européias de Ultramar: o Português do Brasil**, representa, de fato, uma contribuição inovadora para o debate da questão do português brasileiro. Talvez, por ter sido publicada no Brasil no meio dos anos 1960 – quando as discussões sobre esse tema tinham perdido muito do interesse alcançado nos anos 1930 e 1940 –, a posição de Mattoso tenha permanecido à margem. Mas seu valor é inegável. Ao submeter os efeitos do contato entre o português europeu e o crioulo dos africanos à ação controladora da deriva sapiriana, o autor formula uma idéia realmente nova a respeito do português brasileiro.

Com o presente trabalho, procuramos apenas por em destaque mais um exemplo da originalidade das idéias lingüísticas de Mattoso, cuja obra diversificada e abrangente, marcou, de maneira profunda e definitiva, a lingüística brasileira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CÂMARA, JR., J. M. **Princípios de Lingüística Geral**. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1967. Edição original: 1941.

CÂMARA, JR., J. M. Línguas européias de ultramar: o português do Brasil. In: UCHÔA, C. E. F. (Org.) **Dispersos de J. Mattoso Câmara Jr.** Rio de Janeiro: FGV, 1975. Edição original: 1963.

CÂMARA, JR., J. M. Ele como um acusativo no português do Brasil. In: UCHÔA, C. E. F. (Org.) **Dispersos de J. Mattoso Câmara Jr.** Rio de Janeiro: FGV, 1975 [1957].

HALL JR., R. A. Pidgin English and linguistic change. **Lingua**, n. 3, p. 138-146, 1952.

JESPERSEN, O. **Language, its Nature, Development and Origin**. Londres: Allen and Unwin, 1928.

MEILLET, A. **Linguistique Historique et Générale**. Paris: Champion, 1975. Edição original: 1928.

SAPIR, E. A língua como produto histórico: a deriva. **A linguagem**. Rio, de Janeiro: Acadêmica, 1971. Edição original: 1921.

SCHUCHARDT, H. **Pidgin and Creole languages**. Selected essays by Hugo Schuchardt. London,: Cambridge University Press, 1980.

WEINREICH, U. **Language in Contact**. Mouton: The Hague, 1974. Edição original, 1953.

Campinas, outubro de 2005.

SOBRE A AUTORA

Tania Alkmim é doutora em Lingüística pela Universite de Paris V (Rene Descartes), U.P. V, França. Realizou estágio pós-doutoral no Centre National de la Recherche Scientifique, CNRS, França. Professora da graduação e do Programa de Pós-Graduação em Lingüística, da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Líder do grupo de pesquisa A linguagem como fenômeno social: usos e práticas (Unicamp/CNPq). Membro dos grupos de pesquisa História do Português de São Paulo (Usp/CNPq) e Projeto Integrado em Neurolingüística: elaboração de banco de dados e de protocolos de avaliação (Unicamp/CNPq). Autora de vários artigos, entre os quais: *Língua e discriminação; Português de negros e escravos: atitudes e preconceitos históricos; Linguagem de escravos: em busca de registros históricos; Coelho, Schuchardt e Hesseling: encontros e desencontros entre pioneiros dos estudos crioulos; Linguagem de escravos: estudo de um caso de representação; O português no oriente; A Língua como critério de identidade social - os portugueses de ziguinchor; Alguns aspectos do sistema verbal do crioulo português de ziguinchor*. Autora do livro *Falares crioulos. Línguas em contato*. Co-organizadora dos livros *Saudades da língua, Para a História do português Brasileiro*. Autora de capítulos de livros, entre os quais: *Considerações sobre o campo da sociolingüística; Esteriótipos lingüísticos: negros em charges do século XIX; Sociolingüística; A variedade lingüística de negros e escravos: um tópico da história do português no Brasil*.